

Encontro com Glória Maria

Por Valéria Vilas Bôas

Glória Maria é, sem nenhuma dúvida, uma das mais importantes repórteres do telejornalismo brasileiro. Com mais de 40 anos de carreira, foi a repórter que inaugurou o ao vivo no Jornal Nacional em 1977, cobriu a posse de Jimmy Carter, a guerra das Malvinas e virou lenda relacionada à morte de Tancredo Neves – até hoje, diz ela, acham que foi testemunha de um atentado ao presidente eleito, que morreu antes de assumir o cargo, porque era a repórter que cobria todos os fatos importantes do país e não fez parte daquela cobertura em um primeiro momento. Com uma carreira sólida como repórter de rua, Glória Maria assumiu posto no Fantástico em 1986 e desde então sua faceta aventureira e viajante passou a ser sua marca pessoal.

Convidada da última quarta-feira (21/11) para o quadro em que Fátima Bernardes entrevista jornalistas da Rede Globo, Glória Maria roubou a cena. Em nenhum momento se sentou no centro do palco, lugar ocupado pelos outros jornalistas entrevistados por Fátima, ficou o tempo todo entre os convidados da plateia; ao contrário deles, porém, foi apresentada como atração principal e entrou após ser chamada pela apresentadora enquanto os outros convidados (como ocorreu também com outros jornalistas que estiveram no programa) já estavam ali, sentados em seus lugares. Também diferentemente dos outros jornalistas entrevistados no quadro, Glória foi entrevistada desde o início do Encontro e sua vida pessoal foi fio condutor até para a questão abordada em outro quadro, “Quem tem razão”, sobre o desejo de engravidar de uma mulher madura. O programa começou com ela e foi com ela até o fim.

Fiel à proposta inicial do programa de que ele seja uma conversa conduzida por Fátima Bernardes a partir de reportagens e VTs que sejam provocadores para boas histórias, foram os trechos de reportagens feitas por Glória Maria que introduziram os temas a respeito de sua trajetória profissional destacados pelo programa. A partir disso, a entrevista feita por Fátima, com questões que vinham também dos convidados, buscava traçar o perfil de uma repórter aventureira, corajosa, viajante, emocional com perguntas e comentários do tipo: “eu prometi mais aventuras da Glória Maria” ou “a Glória atualmente já passou por mais de cem países e sempre que ela volta dessas viagens ela traz muitas histórias na bagagem. Essas são as reportagens que você mais gosta de fazer hoje em dia, essas que você viaja e traz o que você viu pro telespectador?”

A resposta de Glória Maria para a última pergunta certamente dá o tom de como se desenvolveu a entrevista e, mais do que isso, de uma tendência da emissora em construir um jornalismo mais próximo do telespectador e do seu cotidiano: “Eu adoro gente, né? E gente tá no mundo. Então pra mim viajar é aprender, é conhecer, é conhecer a alma humana que é o que eu gosto (...) eu gosto de saber de sentimentos, de emoção”. Nos trechos destacados, a repórter se banha na lama de um vulcão, desce corredeiras no Colorado, nada na piscina mais alta do mundo em Cingapura, pula do maior *bungee jump* do mundo na Nova Zelândia, faz uma travessia entre dois balões em pleno ar, coloca um *piercing* durante uma matéria. Questionada por Fátima se sentia a responsabilidade de fazer as pessoas se sentirem viajando com ela quando grava, Glória responde: “Eu tento viver aquele momento, e como pra mim tudo é de primeira, eu não faço nada ensaiado, eu também estou vivendo aquela emoção, aquela surpresa, aquela descoberta. Acho que é por isso que as pessoas viajam comigo”. Logo, uma atriz convidada para a plateia comenta entusiasticamente: “Acho que a sua espontaneidade aproxima a gente”. Ao que Glória responde: “eu não quero colocar uma barreira entre eu [sic] e o telespectador. Eu acho que ele tem que ir junto comigo e não olhar através de mim, ele tem que olhar com o olhar dele conduzido por mim”. Nenhuma discussão sobre construção de objetividade ou qualquer valor da atividade jornalística é feita a partir disso, ainda que haja um gancho perfeito e duas das jornalistas mais antigas, conhecidas e queridas da casa em cena.

O que interessa ao Encontro, não é discutir jornalismo, ou trajetória profissional construída a partir de uma relação com os valores da atividade. Interessa o que parece ser tendência nos telejornais e programas jornalísticos da casa: aproximar o público - seja através da construção de uma intimidade encenada, seja através de uma relação entre jornalismo e entretenimento que valoriza temas de âmbito privado como o desejo pela maternidade ou perda de peso, como faz o próprio Encontro.

Se o Fantástico marca o início de uma relação entre o jornalismo e o entretenimento na trajetória profissional de Glória Maria, a abordagem feita a seu respeito no “Encontro com Fátima Bernardes” amplia todas as possibilidades de construção de perfil de uma jornalista íntima do seu público porque é igual a ele, porque sente o que reporta e quer que seu telespectador sinta o mesmo. Apresentada por Fátima no início do programa como repórter, apresentadora e mãe, a Glória Maria que surge do encontro com Fátima e seus telespectadores é, mais do que a repórter competente e talentosa – que grava de primeira – uma mulher humanizada, que não se importa

se perde a noite por conta das filhas, que é, como dizia um antigo quadro do Video Show, gente como a gente.